

A REINVENÇÃO DO ENVELHECIMENTO: O ENCONTRO DA ARTE-EXPERIÊNCIA COMO CAMINHO POSSÍVEL.

GIULIANNA PICOLO BERTINETTI¹; LAUER ALVES NUNES DOS SANTOS²

¹Universidade Federal de Pelotas – bertinettigiuliana@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lauer.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Assolada pelo latente desalento em enxergar um horizonte possível para a construção do futuro, a sociedade é cada vez mais acometida pela desestabilização dos sentidos em prol de uma vida corroída pela modernidade capitalista. Ao passo que, como consequência sistemática, cresce o desamparo do habitar o mundo com as frequentes catástrofes sociais, naturais e econômicas, temos construído a experiência vivida em uma composição de relações sintéticas e vazias. Em contrapartida, os avanços tecnológicos têm permitido o alargamento cada vez maior das expectativas de vida, aumentando as fronteiras do processo do envelhecimento até o limite do encontro com a guerra contra o tempo que travamos através da supervalorização do presente na vivência racionalista a qual somos condicionados.

O entendimento da finitude como acontecimento possível acaba por distanciar o ‘velho’ da vida social ativa, e a lucidez surge na imposição de anular-se ao “não querer saber mais de um mundo do qual já não podem participar, no qual já não têm mais lugar” (GOLDFARB, 2004, p. 36). O sujeito, sem ter ao que contribuir na produção do tangível e intangível da sociedade, é condenado à vida sem experiência, imposta pela submissão da passividade, do ócio e pela constante dependência do outro.

Ante a complexa passagem da existência, marcada no físico e no consciente psíquico pelo corpo que envelhece, a racionalização contemporânea degrada a subjetividade e seus produtos, como a construção da memória e da alteridade, ao produzir a padronização que condiciona o sujeito ‘velho’ a perda da identidade. Assim, o discurso que dá forma à utopia da “melhor idade”, como é chamada a faixa etária que avança os 60 anos adiante, encontra na generalização sua maior insensibilidade. A popular ideia de reclusão ativa dada após anos de intensa dedicação laboral, que vem com a afirmação da aposentadoria, pouco se aproxima da realidade que não assegura as condições humanas de direito a essa parte da população. Simone de Beauvoir (1990), ao relatar esse processo, revela o silenciamento da voz dos idosos pela sociedade para que não se depare com o urgente pedido de amparo na reinvenção de uma experiência de vida possível:

A velhice denuncia o fracasso de toda nossa civilização. É o homem inteiro que é preciso refazer, são todas as relações entre os homens que é preciso recriar, se quisermos que a condição do velho seja aceitável. Um homem não deveria chegar ao fim da vida com suas mãos vazias, e solitário (1990, p.664).

Da urgente ruptura desse habitar anestésico a qual são condicionados, ao colocar o futuro como um lugar possível na capacidade de reinventar o presente, nasce o encontro da prática potente da construção dos sentidos através da experimentação. Através da transcendência da consciência, no descobrimento da

memória e do sensível que fazem morada no subjetivo, a velhice traça uma trama própria e única no exercício prático de um eu simbólico e poético. A arte, enquanto território de potente atuação, coloca-se como espaço filosófico-fenomenológico para prática das relações entre sujeito e mundo. Ao retomar os sentidos então suspensos em prol do controle social, o processo de envelhecimento encontra nela a competência de transformar o indivíduo e a cognição coletiva sobre o lugar que muitos ocuparão, a velhice. Pallasmaa reflete:

A arte estrutura e articula nosso ser-no-mundo (...) Uma obra de arte, mais do que mediar um conhecimento conceitualmente estruturado do estado objetivo do mundo, possibilita um intenso conhecimento experimental. Sem apresentar uma proposição relativa ao mundo ou a sua condição, uma obra de arte centra nosso olhar nas superfícies que estabelecem as fronteiras entre nosso eu e o mundo (2017, p. 59).

Estimulado pelo encontro de subterfúgios na reinvenção do envelhecimento como um lugar digno e de todos, essa pesquisa, intitulada “A Reinvenção do Envelhecimento na Prática Experimental Da Arte: caminhos possíveis”, busca investigar a potente capacidade transformadora da arte enquanto ferramenta de construção social. Na busca por caminhos sensíveis e urgentes que provoquem a formação da consciência coletiva através da desestabilização do presente ao olhar o futuro como um território que vem ao nosso encontro, a arte assume-se como espaço de ação na composição do sensível individual e comunitário, acolhendo a experiência vivida como corpo e voz da condição humana.

Assim, todas as formas de arte incorporam conteúdos existenciais. Estes se referem à experiência do viver, a visões de mundo, a estados de ser, a desejos, aspirações e sentimentos, e aos valores espirituais da vida. Enfim, são conteúdos gerais da própria consciência humana. Atravessando séculos, sociedades e culturas, tais conteúdos continuam válidos e atuais para cada um de nós. Por isso, a arte tem esse estranho poder de nos comover tão profundamente. Ela fala a nós, sobre nós, sobre o nosso mais íntimo ser (OSTROWER, 2015, p. 14).

2. METODOLOGIA

Entendo a condição da velhice enquanto produtora de sujeitos subjugados a ocupar o vazio, fugindo da realidade em uma sociedade que os desampara e os afasta na condução de uma vida inativa sem experiência, o sensível mergulha no desalento que pode ser comparado ao não-lugar, tal como propõe Marc Augé: “não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude” (AUGÉ, 2012). A arte, enquanto território do exercício do ser poético-sensível, surge como território possível ao construir memórias, afetos e experiência da vida, dando forma ao cotidiano. Como instrumento político, atua na concepção do corpo e voz ao pensamento crítico frente ao condicionamento passivo ao qual o ‘velho’ é submetido.

Essa pesquisa permeia o método bibliográfico e qualitativo, traçando dois eixos principais para a investigação: a complexa condição da produção da velhice na contemporaneidade e a experiência da arte como um lugar possível para a transformação do cognitivo coletivo. Cabe destacar que ainda encontra-se em estágio inicial, portanto os métodos aqui relatados referem-se aos primeiros passos a serem traçados dentro de um estudo maior a ser desenvolvido.

Ao primeiro eixo, colocado como o processo do envelhecimento, interessa o recorte da atuação e a problemática a ser trabalhada, traçando as fragilidades e

insensibilidades dos discursos e ações correntes na sociedade. Explorando bibliografias que abrangem os processos fisiológicos, sociais e culturais da velhice, partimos da construção etnográfica da mesma a partir de Simone de Beauvoir, no livro intitulado *A Velhice* (1990) e outros autores que apontam a atualização da construção do processo na contemporaneidade.

Como proposta de lugar de reinvenção da prática de ser e estar no mundo, a arte é tomada como território partindo do seu caráter experimental em consonância com a consciência subjetiva e imaginativa. Na capacidade de reverberar o eu poético-sensível, enquanto espaço lúdico que abraça o cotidiano na produção de memórias e símbolos, partimos da concepção bibliográfica teórica da Arte como Experiência (2010) de John Dewey e prática da artista e autora Fayga Ostrower (2015) que traz a luz a potência democrática da criação.

A pesquisa buscará entender caminhos concretos de atuação para além dos limites institucionalizados que dão morada a vivência da arte enquanto experiência, levando-a ao encontro da velhice na intenção de sacudir a anestesia que constrói tal vivência. Com a gradual retomada da vida em coletivo, após o período de isolamento imposto pela crise sanitária devido a pandemia do COVID-19, as formas de deslocar-se fisicamente entre esses eixos exigirão certa reformulação. Por isso, as ações práticas serão pensadas partindo das medidas de segurança adotadas após esse período.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da capacidade de pensar o que ainda não existe e aproximar o inconsciente do mundo real, a arte torna-se potente espaço para o despertar das percepções e construções simbólicas que conduzem ao pensamento crítico e a imersão do sustento de ser e estar no mundo. Se, para Deleuze (2010 p. 136), “a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer”, o processo de envelhecimento em conjunto com a prática experimental na arte, possibilita, a quem já não encontra a realidade como um lugar de conforto, a inclusão do inconsciente subjetivo como fragmentos do mundo palpável. Nesse sentido, o que aqui buscamos é a reverberação da percepção tanto cognitiva quanto sensorial que emergem da provocação a expansão da vivência do próprio cotidiano, abraçando os espaços habitados através da capacidade criativa que é nata a todos. Como prática da liberdade, a arte pode romper com a dependência, a inatividade e a falta de reconhecimento identitário de ser, dando urgência ao reaparecimento do ser poético que, silenciado pelo controle social e o estigma por ele dado, não encontra voz na sociedade.

A experimentação, que para o filósofo Dewey “é a arte em estado germinal” (p.84), surge como caminho possível ao romper com o conformismo da vivência passiva a que a velhice é condicionada. Como território de atuação social ativa, a arte pode deixar a proposta assistencialista dentro da catarse rigidamente limitada que apenas sustenta a infinidade temporal em que a alienação é requerida para a manutenção do controle de quem “deixou de servir” à sociedade. Reconhecê-la como ferramenta de construção do sensível e do subjetivo possibilita o encontro a ruptura de valores deturpados, como os estigmas e preconceitos que tensionam o reconhecimento da condição humana dessas pessoas. Esse trabalho, ainda em andamento, busca no encontro teórico a potencialização da consonância da arte como território de construção do sensível, através das experiências

poético-educativas que reverberam e reinventam a experiência de habitar o coletivo.

4. CONCLUSÕES

Os caminhos que atravessam a experiência na arte são inesgotáveis. Reconhecê-la como promotora e matéria para construção de uma sociedade mais justa é urgente, diante do crescimento de tantos outros processos que vão ao encontro do oposto. Nesse sentido, das infinitas possibilidades que esse território somado ao processo criativo oferecem na produção de uma velhice digna, a provocação ao confronto do encontro da consciência subjetiva na lucidez da realidade pode e deve ser capaz de retomar a liberdade de ser, permitindo ao sujeito 'velho' o direito de exercer sua autonomia, seguindo seu próprio posicionamento crítico e seus desejos diante do que vivencia.

A pesquisa volta o olhar a produção da vida como um cenário para a experiência, na intenção de devolver a liberdade e o pertencimento ao mundo a quem é condicionado às margens. Se, para Fayga Ostrower (2015), a arte é produto dos símbolos da existência, articulando os valores da vida e lhe dando forma, o que aqui buscamos é dar importância a ela como um caminho possível nas respostas aos desencontros que a vida em coletivo tem promovido. O futuro desenvolvimento de ações práticas ainda dependerão do horizonte possível após a retomada da vida que anteriormente conhecíamos, abalada pela situação pandêmica ainda vigente, mas tendo consciência de que ao idoso urge o imprescindível espaço de corpo e voz na composição da sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Papirus Editora, 2012.

BEAUVOIR, S.de. (1990). **A Velhice**. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes. 2010.

GOLDFARB, Delia Catullo de. **Do Tempo da Memória ao Esquecimento da História**: um estudo psicanalítico das demências. 2004. 224 p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 2004.

OSTROWER, Fayga. Arte e Artistas do século XX. In: GEIGER, Anna Bella (org.). **Fayga Ostrower**. Rio de Janeiro: Insight Comunicação, 2015.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Editora Gustavo Gili. 2017.